

O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE LEITORES FLUENTES ATÉ O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

THE TEACHER'S ROLE IN THE LITERACY PROCESS FOR THE DEVELOPMENT OF FLUENT READERS UNTIL THE 2ND YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION

Sandreane Wélia Silva Paulino ¹

RESUMO

INTRODUÇÃO: A leitura é algo muito amplo, não pode apenas ser considerada como uma interpretação dos signos do alfabeto. Nesse sentido ela deve produzir sentido, ou seja, surge da vivência de cada um, é posta como prática na compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido. A prática leitora no decorrer dos anos tem se tornado uma atividade escassa, pois a sociedade atual está imergindo cada vez mais em recursos tecnológicos, que tornam obsoletos o simples ato de ler livros. Diversos autores abordam a importância da leitura no processo de desenvolvimento e aquisição de novos conhecimentos, porém essa prática, que para alguns é um hábito, para outros acaba se tornando uma atividade que não gera prazer. **OBJETIVO:** Refletir sobre o importante papel do professor alfabetizador como incentivador do amor e prazer pelo hábito de ler, em um mundo completamente digitalizado, é reacender, nesse profissional, a chama de que a leitura de um bom livro é tão ou até mesmo mais prazeroso do que apenas está vidrado em uma tela. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com enfoque exploratória, descritiva e comparativa realizado com turmas do 2º ano de escolas públicas cujo professores participam da formação continuada para professores alfabetizadores. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Percebe-se nesse contexto que o desvio é ainda maior, alfabetizar na idade certa e gerar leitores fluentes em uma sociedade totalmente refém do mundo globalizado. O presente trabalho surge de uma problemática que vem sendo discutida há alguns anos por especialistas em educação para responder o seguinte questionamento: Desenvolver hábitos de leitura desde os anos iniciais do ensino fundamental contribui para a formação de leitores? Como a escola pode trabalhar a leitura dentro e fora da sala de aula e quais os meios de utilização desta especialmente nos Anos Iniciais? Qual o papel do professor do segundo ano no processo de desenvolvimento de leitores fluentes? E como a formação continuada pode auxiliar esse professor a ser um exemplo de bom leitor?

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Letramento. Alfabetização. Leitor fluente. Formação continuada.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Reading is something very broad, it cannot just be considered as an interpretation of the signs of the alphabet. In this sense, it must produce meaning, that is, it arises from the experience of each one, it is put as a practice in understanding the world in which the subject is inserted. The practice of reading over the years has become a scarce activity, as today's society is immersing itself more and more in technological resources, which make the simple act of reading books obsolete. Several authors address the importance of reading in the process of developing and acquiring new knowledge, but this practice, which for some is a habit, for others ends up becoming an activity that does not generate pleasure. **OBJECTIVE:** To reflect on the important role of the literacy teacher as an encourager of love and pleasure in the habit of reading, in a completely digitized world, is to rekindle, in this professional, the flame that reading a good book is just as, or even more, pleasurable of what is just glazed on a canvas. **METHODOLOGY:** This is a qualitative research with an exploratory, descriptive and comparative approach carried out with 2nd year classes in public schools whose teachers participate in continuing education for literacy teachers. **FINAL CONSIDERATIONS:** It is perceived in this context that the challenge is even greater, literacy at the right age and generating fluent readers in a society totally hostage of the globalized world. This work arises from a problem that has been discussed for some years by specialists in education to answer the following question: Does developing reading habits from the early years of elementary school contribute to the formation of readers? How can the school work on reading inside and outside the classroom and what are the means of using it, especially in the Early Years? What is the second-year teacher's role in the process of developing fluent readers? And how can continuing education help this teacher to be an example of a good reader?

KEYWORDS: Reading. literacy. Literacy. Fluent reader. continuing education.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University. Especialista em Psicopedagogia pelo IBESA - Instituto Batista de Ensino Superior de Alagoas. Graduada em Letras pela UNOPAR - Universidade Norte do Pará. **E-MAIL:** sandreanewelia81@gmail.com. **CURRÍCULO LATTES:** lattes.cnpq.br/9722945257430140

INTRODUÇÃO

O desafio de alfabetizar e desenvolver leitores não é novo, no entanto continua atual. Por anos recebemos crianças no ensino fundamental II, com grandes dificuldades de leitura.

A BNCC diz que os conhecimentos de alfabetização até o 2º ano precisam articular os currículos para fazer com que a criança compreenda as diferenças entre escrita e outras formas gráficas e a natureza alfabética do sistema de escrita. Isso inclui desenvolver fluência e rapidez de leitura.

A necessidade de alfabetizar a criança na idade certa não é algo novo, visto que a BNCC já trata a muito sobre esse assunto, nesse documento, a alfabetização é definida como a principal ação pedagógica do começo do Ensino Fundamental dos 1º e 2º anos. O documento prevê que, ao final do 2º ano, as crianças já devem possuir habilidades relacionadas a leitura e escrita. Numa lógica evolutiva, o processo tem continuidade no 3º ano com ênfase na ortografização. “(...)esses conhecimentos de alfabetização até o 2º ano incluem a criança compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas, dominar as convenções gráficas, conhecer o alfabeto, compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita, dominar as relações entre grafemas e fonemas, saber decodificar palavras e textos escritos, saber ler, reconhecendo globalmente as palavras, ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim fluência e rapidez de leitura”. (BNCC, 2018, P.)

E como afirma Santos (2009) por muito tempo as crianças com dificuldades foram responsabilizadas por seu próprio fracasso escolar. Na atualidade deve-se entender que a dificuldade de aprendizagem “(...) é uma questão muito mais complexa, onde vários fatores podem interferir na vida escolar, tais como os problemas de relacionamento professor- aluno, as questões de metodologia de ensino e os conteúdos escolares”. (SANTOS ET. AL, 2009)

Nesse sentido, percebe-se que: uma criança que não tenha solidificado realmente sua alfabetização poderá tornar-se frustrada diante da educação formal, será deficitário todo seu processo evolutivo de aprendizagem, apresentará baixo rendimento escolar e pouco a pouco sua autoestima estará minada, podendo manifestar ações reativas de comportamento anti-social, bem como levá-la ao desinteresse e, muitas vezes, até à evasão escolar. (Santos et al., 2009).

Deve-se compreender, nesse contexto, o papel importante do professor como mediador do conhecimento e do enfrentamento das dificuldades de aprendizagem desenvolvidas pelo aluno. O processo ensino-aprendizagem deve estar pautado numa perspectiva de letramento, não apenas de alfabetização. Cabe aqui, analisarmos a diferença entre ser alfabetizado e ser letrado.

Ser alfabetizado significa, em geral, poder assinar o nome, reconhecer as letras do alfabeto e decodificar a escrita. Para Kleiman e Moraes (1999) esse grau de conhecimento não é suficiente para o sujeito garantir e manter seu emprego. Daí surge a discussão que vem sendo feita desde o final do século XX, entre letramento e alfabetização.

Tomando por base Soares (2002, p.39) o letramento é visto como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas de leitura e escrita; o estudo ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”.

Ainda segundo Soares: “Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita (SOARES, op. cit, p.40).

A diferença entre está alfabetizado e ser letrado

implica, basicamente, na diferença no grau de familiaridade que os sujeitos têm com os diversos usos da escrita no cotidiano social; escrever: bilhetes, cartas, ofícios, ler: jornal, revistas e documentos oficiais, defender seus direitos enquanto consumidor, contribuir para os debates, etc. “é função da escola formar sujeitos letrados (no sentido pleno da palavra), não apenas sujeitos alfabetizados”. (KLEIMAN; MORAES, 1999, p.91).

Atualmente, a questão do letramento tem sido colocada em evidência, porque as demandas sociais de leitura e de escrita estão mudando rapidamente, o que se observa é que cada dia aparece mais exigências com relação ao nível de conhecimento e de elaboração desse conhecimento.

Até pouco tempo, na escola só se falava nas famosas redações, hoje, fala-se em diversidade lingüística, gêneros textuais, competência comunicativa, competência lingüística, etc. essas exigências levam-nos a indagar sobre os reais objetivos do ensino-aprendizagem de língua portuguesa, sobre a nossa prática docente, sobre o que fundamenta essa prática, etc.

Ensinar numa perspectiva do letramento significa desenvolver no aluno um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e de escrita que lhe permitam fazer uso, de forma mais eficiente, das capacidades técnicas de leitura e de escrita. (BAGNO et.al. 2002).

Bagno (op.cit.), explica a questão do Letramento da seguinte forma:

[...] De nada adianta ensinar uma pessoa a usar o garfo e a faca se ela jamais tiver comida em seu prato para aplicar essas habilidades. De nada adianta também ensinar alguém a ler e escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e escrita.

Segundo Soares (op.cit., p.47), embora o conceito de letramento seja distinto do conceito de alfabetização, não deveria haver separação entre essas

ações. (...) na sua ótica, “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.(grifo nosso)

Bagno et.al. (2002, p.56-57) apresenta uma proposta de Soares voltada para os objetivos de língua na escola, os quais consideramos pertinentes para nossa discussão atual e por isso vamos citar alguns:

- 1.Promover práticas de oralidade e escrita de forma integrada, levando os alunos a identificarem as relações entre oralidade e escrita;
- 2.Desenvolver as habilidades de uso da língua escrita em situações discursivas diversificadas em que haja: motivação e objetivo para ler textos de diferentes tipos e gêneros e com diferentes funções; motivação e objetivo para produzir textos de diferentes tipos e gêneros, para diferentes interlocutores, em diferentes situações de produção.
- 3.Desenvolver as habilidades de produzir e ouvir textos orais de diferentes gêneros e com diferentes funções, conforme os interlocutores, os seus objetivos, a natureza do assunto sobre o qual falam, o contexto;
- 4.Criar situações em que os alunos tenham oportunidade de refletir sobre os textos que lêem, escrevem, falam e ouvem, intuindo, de forma contextualizada, a gramática da língua, as características de cada gênero e tipo de texto.

Tudo isso quer dizer que ensinar na perspectiva do letramento significa, não somente, levar o aluno a ser um analista de sua língua, mas, sobretudo um usuário consciente de que cada habilidade linguística tem espaço específico de uso, ocorre de forma diferenciada e deve estar adequada à situação de comunicação.

Quando um professor se propõe em trabalhar com o pensar, ele deve ter em mente que seu papel é decisivo na vida de muitos alunos por isto, deve trabalhar numa perspectiva de despertar nesses alunos um “horizonte de futuro”, contribuindo desta forma para a

valorização do aprendizado por parte dos alunos, que passam a ter perspectivas e esperanças de um futuro melhor, alcançado através da educação. Para tal o docente deve ter uma prática reflexiva e sempre rever suas ações. Como diz Oliveira, no artigo Formação dos professores: prática reflexiva “A prática reflexiva consiste em um pensar crítico da ação pedagógica que o professor desenvolve em sala de aula, visando, desta forma o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem.(...). o professor que reflete sobre sua aula, sobre sua prática e que consegue identificar os prós e os contras do seu trabalho torna-se um professor reflexivo e com domínio sobre sua prática...

Nesse sentido, é essencial que o professor esteja sempre revendo, só e junto com os alunos, sua ação com o intuito de aprimorar a atuação pedagógica e melhorar as relações de aprendizagem.

Desta forma, o professor como Agente de transformação que é, deve sempre dar o seu melhor, planejando de forma dinâmica suas aulas, dando aos alunos espaço para opinar e expor suas idéias, trabalhando realmente em uma perspectiva de construção de cidadãos críticos e criativos, apesar das várias dificuldades enfrentadas.

Tendo em vista a concepção de leitura como um conjunto de estratégias cognitivas e metacognitivas, o seu ensino deve, de um lado, aprimorar as capacidades do leitor de interagir com o texto de forma ativa, por meio do desenvolvimento de estratégias de abordagem consciente. Do outro lado, é preciso desenvolver as habilidades linguísticas que são acionadas de forma automática.

A leitura vai muito além de apenas uma decodificação de símbolos gráficos, da repetição de sílabas, ler é saber compreender o que está nas entrelinhas do texto, fazer uma compreensão entre o que se leu e se entendeu desta leitura também faz parte do ato de ler. Saber realizar uma leitura, respeitando todos os sinais gráficos ali presentes, e ainda ser capaz de possibilitar a si mesmo, e a outros ouvintes e leitores, a

capacidade de entender o sentido da sua leitura através da sua entonação. (SILVA e SILVA,2020)

É nesse sentido que acreditamos ser possível o desenvolvimento de habilidades de leitura na escola, já que estamos aqui tratando de uma competência cognitiva. Um modelo de ensino comprometido com esse objetivo envolve a ampliação das capacidades linguísticas dos estudantes, de modo que eles desautomatizem os processos subjacentes às operações cognitivas.

Trabalhar com leitura, principalmente leitura fluente, em sala de aula é algo muito complexo, não basta apenas o professor escolher um livro aleatório, baseado em algo que ele acha que seus alunos irão gostar, é necessário que haja uma intencionalidade e um preparo pelo professor ao apresentar textos literários para os seus alunos. Segundo Guilherme (2013) o professor ao escolher um livro a ser trabalhado em sala de aula, precisa planejar atividades que possibilitem seus alunos a refletirem sobre o que está escrito naquela obra, identificar elementos explícitos e implícitos da mesma para que assim os mesmos consigam compreender a real necessidade de se ler bons livros. (Marcondes e machado, 2019, p.119).

Todos nós sabemos que, durante a alfabetização, é natural que a criança encontre dificuldades, tropece entre uma sílaba e outra e trave algumas batalhas com palavras desconhecidas. Mas sabemos que, caso não receba o suporte necessário, esses tropeços poderão se intensificar e fazer com que, nos anos seguintes, ao interagir com textos de diferentes disciplinas, novos obstáculos apareçam. E assim, da infância até a vida adulta, cada barreira não superada dará lugar a outra ainda maior.

Segundo Marcondes e Machado, 2019, Pensando nessas questões, o trabalho com fluência leitora na escola deve ganhar um novo olhar por parte dos professores, visando promover momentos e atividades variadas envolvendo a leitura de textos de modo fluente. Para Pereira (2013) trabalhar fluência

leitora na escola é um desafio que visa ampliar a experiência dos alunos com os textos e colaborar na compreensão do que se lê, ajudando-os a interpretar e a argumentar a favor de seu ponto de vista.

A era da globalização, iniciada no final do século XX, trouxe consequências para todos os setores da sociedade, inclusive para a educação. Por isso as instituições, para sobreviver, tiveram de adaptar-se a novos tempos; houve a necessidade de colocar em prática programas de otimização. Uma nova tendência acompanha todo esse processo: o desenvolvimento de programas de qualidade. Assim as instituições escolares começaram a ser avaliadas por meio de vários programas.

OBJETIVO

Analisar e compreender a importância da atuação do professor como mediador no processo de ensino/aprendizagem, no desenvolvimento de leitores fluentes.

METODOLOGIA

O modelo de investigação utilizado para o desenvolvimento deste trabalho foi do tipo exploratório-explicativo, usando como recurso metodológico a pesquisa de campo viabilizada pelos instrumentos: observação, questionário, reuniões, análise de projetos pedagógicos; e pesquisa bibliográfica.

De início foi observada algumas práticas pedagógicas em duas escolas públicas do Município de Cajueiro, interior do Estado de Alagoas/Brasil, uma da zona rural e outra da zona urbana. Foram observados

O que se observou é que a postura do professor como mediador e incentivador de práticas prazerosas de leitura tem um papel fundamental para desenvolver bons leitores. Participar ativamente das formações ofertadas à professores alfabetizadores, e aplicar todas as estratégias e atividades sugeridas nas formações

contribui muito com o melhor fazer pedagógico.

Após as observações foram feitas reuniões tanto com os professores na tentativa de conhecer melhor a visão destes a cerca do seu papel como incentivador e exemplo no desenvolvimento de leitores fluentes até o final do segundo ano do ensino fundamental(series iniciais).

Paralelo a pesquisa de campo, também, foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica, na internet foram encontrados, estudados e fichados artigos e monografias que falavam do tema. Além disso, foram feitos fichamentos de livros de grandes teóricos como: Piaget, Vygotsky, Wallon e Magda Soares (entre outros), que deram subsídio teórico a este trabalho.

A partir dessas investigações o trabalho foi construído, com um grande embasamento teórico-metodológico.

DISCURSÃO

A partir da pesquisa de campo, realizada através de questionários e observação in loco e tendo como base os tipos de leitores utilizados pelo sistema de avaliações do estado de Alagoas (avaliação em fluência leitora- caed Alagoas) e defendido por Magda Soares no livro ALFALETRAR, conseguimos constatar avanços em relação ao nível de leitura dos alunos dos segundos anos no período de 3 meses. Perfis de leitores segundo Magda Soares:

Pré leitor: os estudante que compõem esse grupo não dispõe de condições para realizar uma leitura oral e, quando o faz, isso exige muito esforço.

- Nível 1- esse estudante não conhece as letras.
- Nível 2- Esse estudante já consegue relacionar a sonoridade das letras à sua representação gráfica.
- Nível 3- Esse estudante consegue ler algumas palavras isoladas, porém, como isso exige muito esforço, só o faz de modo muito lento e silabando.
- Nível 4- Esse estudante já conseguem ler palavras isoladas.

Leitor iniciante- Os estudantes que compõem esse grupo já venceram os desafios da alfabetização inicial, mas precisam avançar na automatização dos processos de decodificação, de modo a concentrarem sua energia cognitiva para poderem compreender o que leem, bem como desenvolverem a dimensão prosódica da leitura.

Leitor fluente- Esses estudantes apresentam um perfil de leitor bastante satisfatório para a etapa de escolarização em que se encontram. Já demonstraram a habilidade de ler com desenvoltura textos compostos por palavras de diferentes padrões silábicos, observando, inclusive, aspectos prosódicos do texto .

Na escola da zona rural(ESCOLA1), a turma de 11 alunos, no diagnóstico inicial , não havia nenhum aluno leitor fluente, 2 eram leitores iniciantes e 9 estavam no pré leitor sendo: (nível 1- 6 alunos; nível2- 2 alunos; nível 3- 1 aluno; nível 4- 0 alunos). Era uma turma muito difícil com um nível de leitura muito baixo, tanto que a maioria não conheciam as letras o alfabeto. Após um trabalho intenso de incentivo a leitura e com atividades significativas para o aluno, tanto de alfabetização como de letramento, trouxe um avanço muito significativo para essa turma. Dos 11 alunos observados , nesse segundo momento de avaliação observamos que a turma avançou para 1 aluno leitor fluentes, 3 leitores iniciante e apenas 7 ainda são pré leitores sendo (nível 1- 0 alunos; nível 2- 4 alunos; nível 3- 2 alunos; nível 4- 1 aluno) .

Na escola da zona urbana (ESCOLA 2) com duas turmas de segundo ano, podemos observar que na turma B, num total de 32 alunos, no diagnóstico inicial havia apenas 1 aluno leitores fluentes, 4 alunos leitor iniciante e 27 alunos pré leitores sendo (nível 1- 8 alunos; nível 2- 5 alunos; nível 3- 4 alunos; nível 4- 10 alunos). Após os 3 meses de intenso trabalho de incentivo a leitura e com atividades de letramento e alfabetização, os resultados foram ainda mais significativos. Nesse segundo momento de monitoramento observou-se que já temos 4 alunos leitores fluente, 10 alunos são leitores iniciantes e 18 alunos são pré leitores sendo agrupados da seguinte forma: (nível 1- 8 alunos; nível 2- 1 aluno; nível 3- 5

alunos; nível 4- 4 alunos).

Questionadas sobre que atividades e estratégias foram utilizadas para melhorar o desempenho de seus alunos a professora da escola 1 diz: “utilizei jogos diversos, alfabeto móvel, ditados diversificados, atividades de acordo com o nível dos alunos, bingos de nomes, palavras, objetos, títulos de histórias, frutas, etc.”, ou seja, foram muitas atividades de alfabetização e escrita. Já a professora 2 falou: “ diariamente foi trabalhado a leitura de palavras, frases e textos como parlendas e poemas, onde a partir das mesmas foram elaboradas atividades diversas. Costumo realizar no dia a dia em sala de aula a leitura compartilhada, seja de história , na roda de leitura ou de textos escritos em cartaz, onde o aluno pode fazer uso circulando palavras ditadas, pintar palavras que rimam e trabalhar a intonação.

A partir dessas observações percebemos que na turma de alunos da escola de zona urbana os avanços foram mais significativos que na turma de alunos da zona rural. No entanto, os alunos pré leitores nível 1, na escola de zona urbana não houve nenhum avanço, os 8 alunos que não conseguem ler sílabas e mal reconhece o alfabeto permanecem nesse mesmo nível, já o número de alunos que estavam no nível 1 da escola da zona rural mudou significativamente, o que nos leva a questionar que turma teve um avanço mais significativo? É possível, em turmas tão heterogêneas, é possível alfabetizar e desenvolver leitores fluentes até o fim do segundo ano do ensino fundamental?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, conclui-se que o processo de aquisição e desenvolvimento da leitura é uma atividade bastante complexa e exige uma ação que vai além da decodificação de palavras. Nesse sentido, o professor deve atuar como mediador do conhecimento ensinando numa perspectiva de letramento com uma prática reflexiva.

Sendo, a leitura um processo complexo, muitas crianças do ensino fundamental apresentam grandes dificuldades. Essa realidade fica evidente nos resultados obtidos nos vários programas de avaliação de desempenho escolar, comuns na atualidade.

São vários os fatores que podem contribuir para o desenvolvimento e/ou agravamento dessas dificuldades na leitura, tais como o relacionamento professor-aluno, o método de atuação pedagógico e os conteúdos muitas vezes fora do contexto de necessidade dos alunos.

Partindo desses princípios, é necessário que haja um interesse coletivo dos profissionais, atuando com satisfação no seu trabalho, do aluno, demonstrando seu interesse pelo aprendizado e do governo incentivando tanto o profissional quanto o aluno, desta forma, iremos não só ter uma sociedade inteligente, mas sim, indivíduos com censo crítico diante dos fatos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos et.al. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BASTOS, Marbênia Gonçalves Almeida. **Dificuldades de leitura e escrita: a realidade da formação docente para o diagnóstico e intervenção psicopedagógica**. Disponível em:
http://www.propgpq.uece.br/semana_universitaria/anaais/anais2002/anais/Trabalhos_completos/Humanas-ok/leitura_escrita.doc

KLEIMAN, A. B. e MORAES, S. E. **Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

OLIVEIRA, Núbia Cristina. Et.al. **Formação dos professores: prática reflexiva**. Disponível em:
<http://buscapdf.com.br/procurar/?t=formacao+de+professores&ws=ed&p=6>. **Programa Gestão da Aprendizagem Escolar- Gestar II**. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 4- TP4: leitura e processos de escrita I. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

SANTOS, Carla Cristina Pereira dos. et. al. Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Científica de Educação a Distância**, edição especial, 2009. Disponível em:

[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path\[\]=139&path\[\]=82](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path[]=139&path[]=82)

SHIMAZAKI, Elsa Midori. Et. Al. **Causas das Dificuldades na leitura e escrita**. Disponível em:
http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem09pdf/sm09ss03_02.pdf

SOARES, Magda. **Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2.ed., 5. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 17. ed., 9. impr. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. **Revista Educação e Sociedade** vol.23 n. 81. Campinas, São Paulo: Cedes, 2002.